

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

No MAM, terras de Manfredo, papéis de Octavio Roth e 'Entre a mancha e a figura'

Com a exposição denominada "Entre a mancha e a figura", o Museu de Arte Moderna do Rio faz a primeira avaliação das tendências neo-informal e neofigurativa da arte brasileira neste início de década dos 80. Ainda na quinta-feira, no MAM, mais duas exposições dentro do Projeto Arte Brasileira Contemporânea; Manfredo Souza Neto (terras) e Octavio Roth (papéis artesanais). O Café des Arts do Hotel Méridien inaugura uma exposição de arte asiática e Jean Boghici anuncia, para sua galeria, a mostra "Oito Mestres da Pintura Chinesa do Século XX". Vamos ao roteiro.

AMANHÃ

● Osmar Chromiec, artista de Curitiba, participa do Salão Paranaense desde 1970, já tendo sido várias vezes premiado. Restringindo sua atuação à capital paranaense, ali já realizou cinco exposições individuais desde 1973 e já participou de incontáveis coletivas. Escolheu o Rio, e a Galeria Macunaima, da Funarte, em sua primeira tentativa de expor fora do seu Estado natal. Apresentando-o, Aurélio Benhez diz tratar-se de um artista "emotivo e intuitivo", que muda seu estilo com relativa frequência, dentro de uma "tensão emocional controlada". Começando pela arte ótica, realiza hoje uma espécie de action painting ("movimentos livres de manchas, cheias de emoções") conjugada com estruturas geométricas.

● Com a colaboração do Centro Cultural Francês do Rio de Janeiro, o Café des Arts promove uma exposição de thankas do Tibete, máscaras do Nepal e pinturas e batiks da Índia. A mostra foi organizada por Ruth Zefes, que fará conferência sobre os trabalhos expostos. Com "um valor decorativo incomparável" e uma gama brilhante de cores, as pinturas tibetanas descrevem minuciosamente, e num estilo miniaturizado, "atitudes, gestos e atributos das divindades". São pinturas realizadas por anônimos artesãos, geralmente um lama ou laico assistido por um lama sob encomendas e com um objetivo preciso: obter méritos, implorar a proteção das divindades e evocar sua presença durante a meditação". Nas pinturas da Índia, o caráter cenográfico vem associado a uma postura nitidamente poética.

TERÇA, 14

● Até o momento em que redigia este roteiro, não havia recebido confirmação da mostra "Oito mestres da pintura chinesa do século XX", que Jean Boghici vem organizando desde algum tempo. O marchand alega ter-se deslocado até o Japão para conseguir as obras e há duas semanas atrás cuidava do catálogo e cartaz da mostra. São obras de grandes dimensões, no habitual formato vertical (kakemonos) em preto-e-branco. Mas como Boghici surpreende em tudo o que faz, garimpando por aqui mesmo seu ouro artístico, o melhor é aguardar.

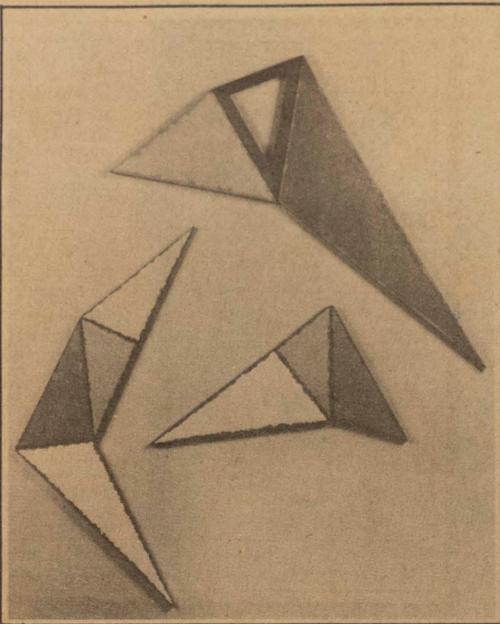
● No passado, nossos melhores críticos vieram da poesia — Murilo Mendes, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, sem esquecer de Ferreira Gullar, ainda atuante como crítico, ou João Cabral de Melo Neto, que faz crítica de arte na forma de poemas. Agora, a tendência parece inverter-se: são os críticos que começam a fazer poesia: Alberto Beutenmuller, em São Paulo, Marinho Azevedo e Ronaldo Brito, aqui no Rio. Este último lança na Livraria Argumento, no Leblon, a partir das 20h30m, seu livro "Asmas", de poesias.

QUARTA, 15

● Na Galeria Dezon mostra de pinturas de Luiz Verri, tendo por temas figuras e paisagens de Andaluzia. Paulista, 70 anos, Verri andou frequentando o ateliê de Reboló, no edifício Santa Helena, nos anos 30, assim como participou do Salão Paulista e do Salão Nacional (Rio). Retomando a pintura no final dos anos 70, frequentou o ateliê de Iberê Camargo, aqui no Rio. De acordo com Reis Jr., Verri sempre "revelou preocupação com a busca de uma linguagem pictórica que traduzisse, o mais fielmente possível, a emoção ressentida". Em função de sua recente estada na Espanha, sua pintura clareou e o artista deu-lhe mais espontaneidade, tornando seu pincel dócil aos impulsos da emoção, fixando-a na sua transitoriedade".

● A analogia da pintura com os frutos não se restringe ao gênero natureza morta. O pintor colombiano Alejandro Botero costuma dizer que seus quadros estão terminados quando chegam a um estado comestível, em que as coisas se tornam frutas. Por sua vez, o pintor pernambucano José Claudio, às vezes se mostra inde-

ciso entre pintar a manga ou chupá-la e o mais freqüente é vê-lo "devorar" a ambos com a mesma volúpia. Agora, é um outro pernambucano, Roberto Lúcio que traz para a Galeria Realidade, no Rio, suas novas pinturas, nas quais, mostra "corpos-frutos" ampliados e



"Gloaming II", acrílico sobre tela e madeira, 1981, de Charles Watson



As "paisagens cromáticas" de Manfredo Souza Neto



"Frutos dos desejos", óleo sobre tela, 1982, de Roberto Lúcio

Pintura da série sobre a Andaluzia, 1981, de Luiz Verri



fragmentados. São torsos, nádegas, seios que se metamorfoseiam em morangos e outros frutos exóticos. O tom, porém, é quase sempre visceral e agressivo, ou como diz o artista: "realizo uma verdadeira incursão ao interior do corpo, como quem nele enfia as mãos e quer virar tudo pelo avesso, botar tudo para fora. E uma pintura visceral, de entranhas". Para o crítico Mark Berkowitz trata-se de "um erotismo forte e contido ao mesmo tempo, mais uma atmosfera que uma realidade".

QUINTA, 16

● No Museu de Arte Moderna continua a festa: as exposições se multiplicam a qualidade sobe e a polêmica se instala. "Entre a mancha e a figura" pretende ser uma exposição polêmica, mesmo tratando exclusivamente de pintura. Afinal, depois do declínio das tendências conceituais e microemotivas, a pintura se instaura no centro mesmo da vanguarda, dominando as grandes exposições internacionais como a "Documenta" de Kassel e a Bienal de Veneza. A figura e o informal retornam com grande impacto, repondo o gesto e a cor em telas geralmente de grande porte que atendem à necessidade do artista de expulsar

toda a energia reprimida em mais de uma década de uma arte feita apenas de idéias. A exposição a ser inaugurada no MAM carioca vai reunir obras de 17 artistas brasileiros, três deles já mortos, Flávio de Carvalho, Ernesto de Fiori e Ivan Serpa, dois artistas que fazem o papel de ponte entre gerações, Iberê Camargo e Flávio Shiró, e os demais,

com idades que variam de 31 anos (Charles Watson) e 50 anos (José Claudio). Os demais nasceram nos anos 40: José Aguilar, Carlos Fajardo, Dudi Maia Rosa, Rubens Gerchman, Humberto Espindola, Cláudio Kuperman, Luiz Aquila, Bário, Jorge Guinle e Iwald Granato. Com exceção de José Claudio e Espindola, vivendo respectivamente em Recife e Cuiabá, os demais atuam no eixo Rio-São Paulo e têm ampla vivência internacional. Guinle nasceu em Nova York e educou-se em Paris, sendo hoje o mais característico representante, no Brasil, da chamada pintura energética; Bário, português, reside atualmente em Amsterdan depois de integrar a vanguarda carioca, Flávio Shiró reside em Paris, Gerchman, Aquila, Kuperman viveram longos períodos no exterior.

A exposição pretende rever, igualmente, a obra de três artistas já mortos mas que por sua atualidade e pioneirismo apresentam afinidades com a produção atual. Flávio de Carvalho, artista provocativo e instigante, autor dos primeiros happenings no Brasil, Ernesto de Fiori, que realizou, nos anos 40, uma figuração extremamente livre, e Ivan Serpa, com pinturas de sua fase negra, pouco estudada, devido ao caráter construtivo de sua obra.

Para estabelecer um ponto de discussão e confronto com a produção internacional (Novos Fauves alemães, transvanguardistas italianos e neo-expressionistas ou energéticos europeus e norte-americanos) a exposição do MAM inclui uma projeção contínua de slides reproduzindo a obra dos mais

destacados artistas da atualidade, entre eles, Baselitz, Cucchi, Chia, Schnabel etc, assim como promoverá, durante toda a vigência da exposição, debates, e conferências sobre a história e atualidade das tendências informais e neo-informais, expressionistas e neo-expressionistas.

● No mesmo dia, o mineiro residente no Rio (e, durante dois anos, bolsista do governo francês em Paris) Manfredo Souza Neto inaugura duas exposições. A primeira no Museu de Arte Moderna do Rio, dentro do Projeto ABC, desenvolvido em conjunto com a Funarte, reunindo 17 pinturas construídas com terras de Minas Gerais, e denominadas "Forquilhas" e os projetos ou croqui dessas mesmas pinturas. Nelás, aliás, as molduras de formato ortogonal (ângulo reto) integram a própria discussão do trabalho, ou, como diz o artista: "Moldura não como limite e confinamento da pintura, mas estrutura incorporada ao próprio ato de fazer/conceber." Manfredo Souza Neto diz de seus quadros: "é a montanha triturada, a rocha moída, o barro peneirado tomados como matéria pictórica para a construção da tela".

A segunda exposição será realizada na Galeria César Aché e nela o artista vai colocar, lado a lado, dez telas do período inicial de sua nova fase e três séries fotográficas, nas quais discute as relações entre arte e natureza. Para ambas as exposições, vale a definição de Júlio Castañon Guimarães de que se trata de "paisagens cromáticas", ou seja, a paisagem reduzida a pigmento colorido e este, guardando o essencial daquela, incorporado à própria "dicção" da obra.

● Octavio Roth, artista paulista, vai expor no MAM, trabalhos realizados com papéis que ele mesmo realiza, artesanalmente, e nos quais emprega algodão, linho, folha de bananeira, juta, bambu e até casca de cebola. Roth tornou-se conhecido pela série de gravuras que realizou tendo por tema o texto da "Declaração dos Direitos do Homem" e que acabaram expostas numa galeria criada por Rauschemberg, em Nova York. Antes já trocara um curso de engenharia pela fotografia, que o levou a captar as paisagens semidesérticas do Oriente Médio. Diz Márcio Doc-tors: "O processo de interferência constante é o que marca seu trabalho e o que o faz saltar adiante sempre. Não lhe basta fazer fotografia ou gravura, necessita interferir no processo, reinventando a tradição e dando-lhe nova direção."